

# Estética e Política *entre as Artes*



© Filipe Pinto

## Conceção e organização

Elisabete Marques, Emília Pinto de Almeida, Filipe Pinto e João Pedro Cachopo

## 9 de abril

### Considerações críticas sobre a noção de geo-estética

por José Bragança de Miranda  
**Pare, re-pare, repare melhor.**

### O “reparar” enquanto tática e a “secalharidade” enquanto poética

por João Fiadeiro e Fernanda Eugénio  
Moderador: João Pedro Cachopo

## 16 de abril

### Artes e reparações do mundo

por Silvina Rodrigues Lopes

### A política da forma e as suas condições

por António Guerreiro

Moderadora: Mariana Pinto dos Santos

## 14 de maio

### Devagar, a poesia por Rosa Maria Martelo

### Estética e política: produção e

### reprodução históricas dos sentidos

por Manuel Gusmão

Moderadora: Emília Pinto de Almeida

## 28 de maio

### Arte, dispositivos e operações

por Teresa Cruz

### Será possível uma crítica de arte que não utilize categorias clínicas?

por Nuno Nabais

Moderador: Filipe Pinto

## 11 de junho

### Música da língua, língua da música

por Mário Vieira de Carvalho

### Políticas da interpretação no teatro de ópera por Paulo Ferreira de Castro

Moderador: Manuel Deniz Silva

## 25 de junho

### As políticas da arte e a questão dos museus

por Luiz Camillo Osorio

### Quão subversivas serão as manchas de verdura?

por João Queiroz

Moderadora: Elisabete Marques

Dando continuidade aos seminários realizados em 2012 e 2013, o ciclo de conferências e debates *Estética e Política* entre as Artes pretende constituir um fórum de debate sobre temas artísticos contemporâneos, incidindo especialmente sobre os aspetos estéticos e políticos da relação entre as artes (da literatura à música, passando pelas artes visuais, pelas artes performativas e pelo cinema).

O intervalo que o “entre” sinaliza permanece a característica distintiva do debate em perspectiva. Ele traduz a hipótese de que uma pesquisa sobre a política da(s) arte(s) possa encontrar um ponto de partida privilegiado numa reflexão sobre o intervalo que as separa e aproxima. Esta hipótese ganha expressividade tanto na discussão dos regimes de identificação, hierarquização, conjugação e/ou diferenciação das artes, quanto na exploração do modo como a perturbação de tais regimes pode alterar as formas de experiência e apropriação de objetos e práticas artísticas.

Ao longo de seis sessões – cada uma delas contando com duas conferências seguidas de debate –, investigadores, críticos, artistas, curadores seguirão o fio desse “entre” – em que se enleiam fenómenos de cruzamento, citação, montagem, tradução, entre outros – na senda de desvios de perspectiva acerca do que move a arte no, e contra, o presente.

## Considerações críticas sobre a noção de geo-estética

por José Bragança de Miranda

Nos últimos anos tem-se vindo a impor o conceito de “arte global”, proposto nomeadamente por Hans Belting, para descrever o momento atual das artes. Trata-se de um conceito ambíguo, que descreve a explosão do mundo da arte, a perda do centro artístico, a crise da modernidade estética. Fenómenos que são em si mesmos empiricamente evidentes, mas a que a noção “arte global” não consegue dar um sentido preciso. Isso não implica que seja arbitrário ou que não resulte de uma necessidade, de que é sintoma mais do que “solução”. Com efeito a arte contemporânea está marcada pela dissolução vanguardista da autonomia estética e da objetualidade, mas também está assombrada pela ontologia da arte enquanto forma do mundo e da sua habitabilidade, em consonância com as demasiado influentes análises de Heidegger, que se inscrevem numa linha de pensamento que vai de Hegel a Wagner. Na verdade, qualquer destas vias nos está vedada: não é possível repetir o vanguardismo e a sua lógica disseminativa, nem regressar a uma forma bela do mundo como pretendem as teses da obra de arte total ou a ontologia. É a própria alternativa que tem de se tornar em objeto do pensamento. Trata-se de dar conta da crise do “mundo” provocada pela emergência da Terra enquanto planeta, acontecimento que pesa sobre a história e

CONFERÊNCIAS QUARTAS-FEIRAS DE 9 DE ABRIL A 25 DE JUNHO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

a reorganiza em profundidade. Neste processo a arte ganha novas potencialidades, propondo-se uma discussão em torno da geo-estética que remonta explicitamente a Nietzsche e à sua tese de um “retorno à Terra”.

**José Bragança de Miranda** é professor do departamento de Ciências da Comunicação da FCSH-UNL e professor catedrático da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. Tem publicado textos que cruzam a cultura e a filosofia, a política, a teoria dos *media* e das novas tecnologias e o estudo das artes contemporâneas. Destaquem-se, por exemplo, *Análítica da Actualidade* (1994), *Traços: Ensaios de Crítica da Cultura* (1998), *Corpo e Imagem* (2012).

**Pare, re-pare, repare melhor.**  
**O “reparar” enquanto tática e a “secalharidade” enquanto poética**  
por João Fiadeiro e Fernanda Eugénio

O primeiro e talvez o único gesto é mesmo este: parar. Ou, melhor dizendo, re-parar: voltar a parar para reparar. Logo que re-paramos, o meio ganha relevo: somos o que temos e o que nos têm, nesta implicação recíproca que nos torna, junto com o acidente, simultaneamente em espaço, tempo, matéria e relação. Se pudermos sustentar este justo meio, se pudermos aguentar não saber, será então a “secalharidade” do próprio encontro que terá espaço para se (des)dobrar em convivência e plano comum.

No objeto que partilhamos hoje convosco “o que é dito” não é diferente de “como é feito”: o modo operativo que investigamos, está simultaneamente presente no conteúdo que é enunciado e no modo como essa enunciação é executada. A esta tática, que atravessa todo o trabalho que desenvolvemos no quadro do AND\_Lab, demos o nome de “pensação”, um modo operativo que faz co-incidir num mesmo plano de funcionamento, o pensar e o agir: investigação de uma poética sustentada num sentido-direção emergente, presentativo e assignificativo.

**João Fiadeiro** é coreógrafo, *performer* e investigador. Em 1990, fundou a Companhia RE.AL, onde desenhou o

método de Composição em Tempo Real, um instrumento para pensar a decisão, a representação e a colaboração. Atualmente, é diretor do Atelier Real, um espaço de residências artísticas, e codirector, com a antropóloga Fernanda Eugénio, do AND\_Lab | Centro de Investigação Artística e Criatividade Científica.

**Fernanda Eugénio** é antropóloga e artista. Trabalha na inunção entre a dança e a antropologia, investigando os usos da etnografia enquanto performance situada. É pós-doutora pelo ICS/UL, doutora e mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ, e diretora, com João Fiadeiro, do AND\_Lab | Centro de Investigação Artística e Criatividade Científica.